

ENTREVISTA COM DORINA DE GOUVÊA NOWILL

@ambienteeducação: Como iniciou o processo de inclusão das pessoas com deficiência visual no Brasil?

Dorina de Gouvêa Nowill: Foi tão natural, como tinha que existir. Existiu porque tinha de existir. Eu acredito muito nisso e na simplicidade como o nosso processo começou. Começou por um trabalho que nós teríamos de dar às crianças cegas. Isto é, aquilo que as crianças videntes tinham, podiam exigir: as expectativas. E nós trabalhávamos para que os cegos tivessem as mesmas oportunidades de vida, de experiência, porque eram crianças como todas as outras; a imperfeição não nos coloca em uma classe à parte. Nós não somos uma classe se nós temos uma deficiência. Somos uma pessoa com uma deficiência, é a verdade.

@ambienteeducação: Como a Professora compreende a inclusão?

Dorina de Gouvêa Nowill: Uma vez eu ouvi uma grande autoridade que falou sobre as pessoas com deficiência. Aliás, falou tão bonito que nós nos sentimos muito importantes, mas, no final, disse, talvez, erroneamente, que a pessoa com deficiência era melhor ou maior que a pessoa sem deficiência: “pra mim eles não são deficientes”. Então, essa pessoa estragou tudo o que tinha falado antes. Para nós era importante que fôssemos deficientes, porque tínhamos uma deficiência, mas que fôssemos iguais. Na verdade, o que ela quis dizer é que devíamos ser apenas mais um entre todos. A verdadeira ambição da inclusão é a participação na vida em todos os seus aspectos, com todos os seus problemas e, apesar da nossa deficiência, que ela existe, é verdadeira, é um fato que precisa ser considerado. Mas o ser humano tem possibilidade de aceitar e até ultrapassar todos os problemas pra ser apenas mais um. É isso que nós somos. Então, eu sempre me lembro da pessoa elogiando tanto e depois dizendo que pra ela nós não éramos deficientes. Às vezes, a gente diz umas coisas sem pensar, dessa vez essa pessoa não pensou. Mas quis dizer que as pessoas deficientes, em essência, eram, e nós somos mesmos, iguais aos outros. Nós temos as mesmas condições físicas, às vezes, quase sempre com uma deficiência, se nós somos deficientes, mas isso não nos tira a qualidade de ser humano, e é isso que é importante pra nós, professores. E as considerações que nós queremos fazer em relação a essa Educação Especial que é ela é muito importante. Que realmente de especial ela não tem muito, porque ela é educação, e a educação ou é especial e considera o ser humano como ser humano ou não existe.

@ambienteeducação: “A educação ou é especial e considera o ser humano como ser humano ou não existe”. Poderia nos explicar melhor essa afirmação?

Dorina de Gouvêa Nowill: Ou é especial ou não é educação. Porque a educação tem de ser especial pra todos. Todos nós precisamos dentro da educação de aspectos que diferem. Nós temos cinco dedos iguais na mão? — Não. Somos todos assim tão perfeitamente iguais e morfológicamente iguais? — Não. Mas somos iguais em essência, que e é o que vale, e é daí que parte o verdadeiro sentido da inclusão: de que nós devemos fazer parte, vamos ter deficiências, vamos ter dificuldades pra vencer, mas isso é o mundo, isso são os seres humanos. É ilusão a gente pensar que é tudo diferente e a educação ou é de acordo com o que o indivíduo precisa ou não existe. Isso é o que eu penso quando falo em inclusão.

@ambienteeducação: Poderia nos contar um pouco sobre sua experiência nos Estados Unidos?

Dorina de Gouvêa Nowill: Assisti ao processo de inclusão e estudei nos Estados Unidos. Atravessei uma época difícil lá, que era a inclusão das pessoas, com outro nome, nas escolas, na educação, no trabalho. E tudo isso era uma briga, havia uma verdadeira guerra: escolas residenciais *versus* a participação nas escolas dos alunos com alguma deficiência. Então, nós atravessamos uma guerra, e os educadores brigavam tanto, nós todos, porque cada um queria impor a sua própria maneira de encarar o problema. Mas, na realidade, todos queriam é que existisse a coisa essencial: a igualdade de oportunidade para todos. E acho que é isso que devemos trabalhar e teremos de trabalhar sempre, porque nada é estático em matéria de educação, ou ela não cresce. E a educação tem de crescer de acordo com o desenvolvimento da própria sociedade. Ela precisa crescer, precisa se modificar muitas vezes para atender às necessidades do ser humano naquele momento, naquela hora. E é sempre bom conversar assim com um professor, com pesquisador. Historicamente, a vida de professor foi sempre complicada pelas aspirações. Quanto mais você conhece o ser humano, mais aspirações surgem. Você compreende que é preciso fazer mais alguma coisa para tornar essa participação total, sempre possível, apesar das diferenças. Todos nós temos diferenças, com deficiência ou não. Já imaginou se no mundo fosse tudo igualzinho, que horror que seria? Uma monotonia, uma grande monotonia. Felizmente, há diferenças e sempre haverá, porque o espírito não cresce, ele se desenvolve, ele se adapta às diferenças que surgem, e aí está a beleza da natureza. Tem alguma rosa igual à outra? — Não, não tem. Cada rosa tem o seu perfume, o seu formato, é uma pétala diferente da outra, sempre há uma diferença. Eu acho bom, porque eu detesto a monotonia das coisas. Sem sustos, sem dificuldades o mundo não funciona, não é mundo.

@ambienteeducação: O que o professor deve fazer adiante da inclusão?

Dorina de Gouvêa Nowill: Nós precisamos de tudo para aprender, nós professores temos de ser mágicos às vezes, mas essa é a nossa função. Nós temos de descobrir como resolver a vida dos que mais precisam, dos que têm mais dificuldades e dar a todos a mesma oportunidade de ser gente, de viver, de praticar, de trabalhar, de passar por problemas que às vezes parecem muito difíceis de resolver, e o são. Nada é fácil. Eu aprendi que nada é fácil, mas tudo é possível. Eu acho que a minha definição em relação à inclusão é esta: para todos, as mesmas oportunidades. E cada um desenvolve a sua maneira de se adaptar às dificuldades e poder vencer. Porque essa é a grande ânsia da vida: é vencer, poder estudar, poder trabalhar, poder ser acima de tudo auto-suficiente, independente. Porque quanto mais independentes nós formos, mais facilitamos a vida dos outros em sociedade. A dependência é sempre um peso. Há situações em que a gente luta e consegue apenas uma parcela, mas se essa parcela não é tudo que

a pessoa, o indivíduo, esperava? Talvez sejamos nós que queremos mais do que é possível. E há pessoas que sabem aceitar, e essa é nossa atitude: aceitar o que nós podemos modificar e melhorar onde nós podemos agir. E aceitar aquilo que talvez não seja pra cada um de nós o ideal, a perfeição, mas que é suficiente, é bom, é aceitável para um grande número de pessoas. Aí teremos o equilíbrio de que precisamos para fazer este mundo melhor. Ele vai ser sempre melhor pra uns e menos bom para outros, porque aí estão as diferenças e daí é que existe o crescimento.

@mbienteeducação: Que palavra de esperança, de incentivo, daria hoje aos educadores que trabalham com a inclusão?

Dorina de Gouvêa Nowill: Vamos, cada um de nós, fazer jus aos centímetros cúbicos que nós ocupamos no solo: vamos ser, vamos trabalhar para fazer jus à felicidade de existir e à satisfação de poder trabalhar, de poder viver e de poder, assim, compreender as necessidades dos outros. Eu acho que a Organização das Nações Unidas (ONU) tem frases que são apenas frases, mas há outras que são certas: “o povo só é nação”. Eu acho essa frase inesquecível. Cada um dos cidadãos faz o possível para a felicidade dos seus concidadãos. Isso quer dizer amor, verdadeira compreensão do ser humano e progresso. Por isso que eu gosto dessa frase da ONU e não vamos esquecê-la: nós todos somos cidadãos. Vamos trabalhar para que todos os nossos concidadãos também pensem assim e possam agir dessa maneira.

Dorina de Gouvêa Nowill

Professora formada pela Escola Normal Caetano de Campos, especializou-se em educação de cegos no Teacher's College da Universidade de Columbia, em New York – EIA, com experiência no campo há mais de sessenta anos. Pioneira na implantação de diferentes serviços para atendimento de pessoas com deficiência visual, é atualmente Presidente Emérita e Vitalícia da Fundação Dorina Nowill para Cegos, da qual foi a mentora e criadora. Tem artigos e livros publicados no Brasil e no exterior.